

Lutas, artes marciais e esportes de combate sob o olhar etnográfico¹

Fights, martial arts and combat sports from an ethnographic eye

Luchas, artes marciales y deportes de combate desde una mirada etnográfica

<https://doi.org/10.15332/2422474X.10202>

[Artigo de pesquisa]

George Almeida Lima²

Francisco Demetrius Luciano Caldas³

Alvaro Rego Millen Neto⁴

Recebido: 19 de dezembro de 2023

Aceite: 22 de maio de 2024

Citar como:

Almeida Lima, G., Luciano Caldas, F. D., & Millen Neto, A. R. (2024). Luchas, artes marciales y deportes de combate desde una mirada etnográfica. *Cuerpo, Cultura Y Movimiento*, 14(2), 59-75. <https://doi.org/10.15332/2422474X.10202>



Resumo

No campo das ciências humanas, as lutas, as artes marciais e os esportes de combate têm se constituído como objeto de investigação, sendo abordados a partir de aportes metodológicos diversificados, incluindo-se a etnografia. Nesse sentido, este estudo objetivou analisar as produções acadêmicas sobre lutas, artes marciais e esportes de combate desenvolvidas à luz do método etnográfico. A partir de uma revisão integrativa, foram selecionados 12 artigos que, após análise temática, possibilitaram a construção de quatro categorias: desenvolvimento de relações sociais nas artes marciais; autopercepção corporal dos praticantes de artes marciais; motivações para a prática das artes marciais; influência dos aspectos ideológicos na prática das

¹ Artigo de pesquisa. Não financiado. Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Petrolina, Pernambuco, Brasil.

² Mestre em educação física, Universidade Federal do Vale do São Francisco. Petrolina, Pernambuco, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0899-0427> e-mail: george_almeida.lima@hotmail.com

³ Doutor em educação pela Universidade Federal da Bahia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano. Pernambuco, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5542-2436> e-mail: francisco.demetrius@ifsertao-pe.edu.br

⁴ Doutor em educação física pela Universidade Gama Filho. Universidade Federal do Vale do São Francisco. Petrolina, Pernambuco, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7473-423X> e-mail: alvaro.millen@univasf.edu.br

artes marciais. A esportivização dessas práticas tem influenciado suas configurações, e sua vivência, a partir de objetivos distintos, contribui para estabelecer disposições peculiares nos praticantes, que passam a assumir determinadas percepções de vida e comportamentos. A partir do exposto, foi possível constatar a importância do método etnográfico para a compreensão dos aspectos socioculturais que envolvem as práticas corporais de combate.

Palavras-chave: esportes de combate, artes marciais, cultura, etnografia.

Abstract

In the field of human sciences, fighting, martial arts and combat sports have been the object of research, and are approached from diverse methodological approaches, including ethnography. In this sense, this study aimed to analyze the academic productions on fighting, martial arts and combat sports developed in light of the ethnographic method. Based on an integrative review, 12 articles were selected which, after thematic analysis, allowed the construction of four categories: development of social relations in martial arts; body self-perception of martial arts practitioners; motivations for practicing martial arts; influence of ideological aspects on the practice of martial arts. The sportification of these practices has influenced their configurations, and their experience, based on different objectives, contributes to establishing peculiar dispositions in practitioners, who begin to assume certain perceptions of life and behaviors. From the above, it was possible to verify the importance of the ethnographic method for understanding the sociocultural aspects that involve bodily combat practices.

Keywords: combat sports, martial arts, culture, ethnography.

Resumen

En el campo de las ciencias humanas, las luchas, las artes marciales y los deportes de combate se han constituido como objetos de investigación, abordados desde diversos aportes metodológicos, incluida la etnografía. En este sentido, este estudio tuvo como objetivo analizar las producciones académicas sobre lucha, artes marciales y deportes de combate desarrolladas a la luz del método etnográfico. A partir de una revisión integradora, se seleccionaron 12 artículos que, luego del análisis temático, permitieron la construcción de cuatro categorías: desarrollo de las relaciones sociales en las artes marciales; autopercepción corporal de los practicantes de artes marciales; motivaciones para practicar artes marciales; Influencia de aspectos ideológicos en la práctica de las artes marciales. La deportividad de estas prácticas ha influido en sus configuraciones, y su vivencia, basada en diferentes objetivos, contribuye a establecer disposiciones peculiares en los practicantes, quienes comienzan a asumir ciertas percepciones de la vida y comportamientos. De lo anterior, fue posible verificar la importancia del método etnográfico para comprender los aspectos socioculturales que involucran prácticas de combate corporal.

Palabras clave: deportes de combate, artes marciales, cultura, etnografía.

Introdução

As práticas corporais de combate se configuram como artefatos inerentes ao arcabouço sociocultural da humanidade. Desde a antiguidade, o ser humano tem desenvolvido técnicas de combate com o próprio corpo, provido ou desprovido de implementos bélicos, para enfrentar, a princípio, animais de grande porte e, posterior e mormente, êmulos de sua

espécie. Todavia, essas práticas são atravessadas por significados que estão intrinsecamente conectados às percepções de grupos e indivíduos particulares que, em seus tempos e espaços característicos, as codificam e ressignificam a partir de suas configurações políticas, sociais, econômicas e culturais (Antunes e Iwanaga, 2014; Lima e Maia, 2021; Rufino, 2012). Considerando as distintas apropriações dessas atividades, Paiva (2015) destaca que emergem terminologias que buscam codificar essas atividades a partir de significações peculiares. Nesse sentido, essas práticas podem ser compreendidas como lutas, artes marciais e esportes de combate.

Segundo Paiva (2015) e Rufino (2012), o termo “luta” é polissêmico e representa oposição entre indivíduos ou oposição a situações específicas. No universo corpóreo, refere-se à disputa corporal genérica entre duas ou mais pessoas. Para tanto, os praticantes podem se valer de técnicas de ataque, defesa, exclusão do oponente de espaços etc. No sentido adotado por esses autores, e que também será empregado neste texto, a palavra “luta” ganhou significado a partir de um debate curricular próprio da disciplina escolar educação física. No bojo das reformas educacionais ocorridas na década de 1990 no Brasil, posteriores à promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), a educação física passou a ser considerada componente curricular da educação básica, e os seus conteúdos de ensino foram convencioneados por documentos que representaram as políticas de Estado, sobretudo os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998). Nesses documentos, a palavra “luta” passou a representar um grupo específico de conteúdos da educação física escolar.

Já a expressão “arte marcial” faz alusão a um conjunto de práticas que, a partir do desenvolvimento de determinadas técnicas corporais, tem como objetivo a sobrepujança e a submissão física do outro. São manifestações culturais seculares que costumam ser associadas às práticas de guerra e que, historicamente, foram estruturadas em modalidades específicas, provenientes de contextos socioculturais característicos, sobretudo no Oriente. Os territórios que hoje formam o Japão, a China, as Coreias e a Tailândia são exemplos de locais importantes para o desenvolvimento das modalidades de artes marciais. Além disso, essas práticas foram impregnadas de preceitos filosóficos que preconizam o respeito, a honra, a ética e a moral, podendo também inclinar-se a elementos estéticos, mitológicos e religiosos.

A expressão “esporte de combate” está ligada às artes marciais, mas refere-se à racionalização esportiva que essas práticas passaram ao longo do século 20, com seus decorrentes processos de definição e universalização de regras, de institucionalização (através da criação e manutenção de federações reguladoras), de midiaticização, entre outros. Os esportes de combate, *a priori*, estão mais enfaticamente associados aos aspectos

econômicos, pois ampliaram a constituição de carreiras (amadoras e profissionais) e de renda (Antunes e Iwanaga, 2014; Paiva, 2015).

Assim, ao considerarmos que as lutas, as artes marciais e os esportes de combate são codificados a partir de múltiplas percepções, entendemos que são alvo de profundos tensionamentos que precisam ser compreendidos em sua totalidade. Para tanto, esse fenômeno passou a ser escopo de investigações no campo das ciências humanas, tornando-se objeto de diversificados métodos de pesquisa que buscam explorar o fenômeno a partir de diferentes lentes (Mariante Neto et al., 2021). Entre esses métodos, destaca-se a etnografia, compreendida como uma possibilidade investigativa que se estabelece a partir da interrelação entre pesquisador e pesquisados, pautando-se em formas de interação que preponderam a observação direta, as conversas formais/informais e as entrevistas (Geertz, 1989).

Desse modo, a etnografia pode ser compreendida como “a arte e a ciência de descrever um grupo humano, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (Angrosino, 2009, p. 30). O método etnográfico demarca a descrição densa de um dado fenômeno; sua “natureza microscópica” possibilita interpretar práticas culturais, cuja “tarefa essencial da construção teórica não é codificar regularidades abstratas, mas tornar possíveis descrições minuciosas; não generalizar através dos casos, mas generalizar dentro deles” (Geertz, 1989, p. 18).

Ao considerarmos as distintas codificações relacionadas às lutas, às artes marciais e aos esportes de combate, ampliam-se as necessidades de diversificação de métodos de pesquisa a fim de que esse fenômeno possa ser compreendido em sua totalidade. O método etnográfico consolida-se como um recurso que permite que o pesquisador veja “de dentro” as interpretações e apropriações desse universo, rompendo o “olhar de fora” do pesquisador que apenas observa “de longe” as estruturas sociais próprias do universo estudado. Nesse sentido, a etnografia configura-se como um “trabalho de campo imersivo através do qual o investigador atua [...], a fim de descascar as camadas de suas propriedades invisíveis e testar seus mecanismos operativos” (Wacquant, 2015, p. 5).

Destacamos que esse método de pesquisa, quando aplicado aos estudos sobre lutas, artes marciais e esportes de combate, potencializa as percepções, interpretações e compreensões das ações que emanam dos ambientes observados, propiciando ao pesquisador o desenvolvimento de uma descrição densa sobre os fatos vislumbrados em campo (Geertz, 1989). A partir dessas considerações, o presente estudo tem como objetivo analisar as produções acadêmicas sobre lutas, artes marciais e esportes de combate desenvolvidas à luz do método etnográfico.

Metodologia

Utilizamos a revisão integrativa de literatura como método de pesquisa. Esse recurso, segundo Souza et al. (2010), vem sendo utilizado nos diversos campos de investigação, incluindo-se a pesquisa social, pois possibilita a síntese de conhecimentos já produzidos, incorporando novas percepções sobre os fenômenos investigados. As autoras salientam que o desenvolvimento desse tipo de estudo possui fases específicas: pergunta norteadora, amostragem da literatura, coleta de dados, análise crítica dos dados incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão.

Os dados foram coletados entre março e junho de 2023 e não foram definidos recortes temporais para a inclusão dos artigos analisados. A coleta foi realizada na base de dados periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), mediante os descritores: etnografia AND “artes marciais”; etnografia AND “esporte de combate”; *ethnography* AND “*martial arts*” e *ethnography* AND “*combat sports*”. A utilização dessa base de dados se justifica pela sua capacidade de congrega um número significativo de obras nacionais e internacionais. Com o intuito de selecionar trabalhos com credibilidade acadêmica, ao realizar a busca, utilizamos dois filtros: artigos revisados por pares e artigos científicos. A Tabela 1 apresenta a quantidade de artigos encontrados a partir da utilização dos descritores.

Tabela 1.

Número de trabalhos encontrados nas bases

Termos	Periódicos Capes
Etnografia AND “artes marciais”	19
Etnografia AND “esporte de combate”	08
<i>Ethnography</i> AND “ <i>martial arts</i> ”	714
<i>Ethnography</i> AND “ <i>combat sports</i> ”	100
Total	841

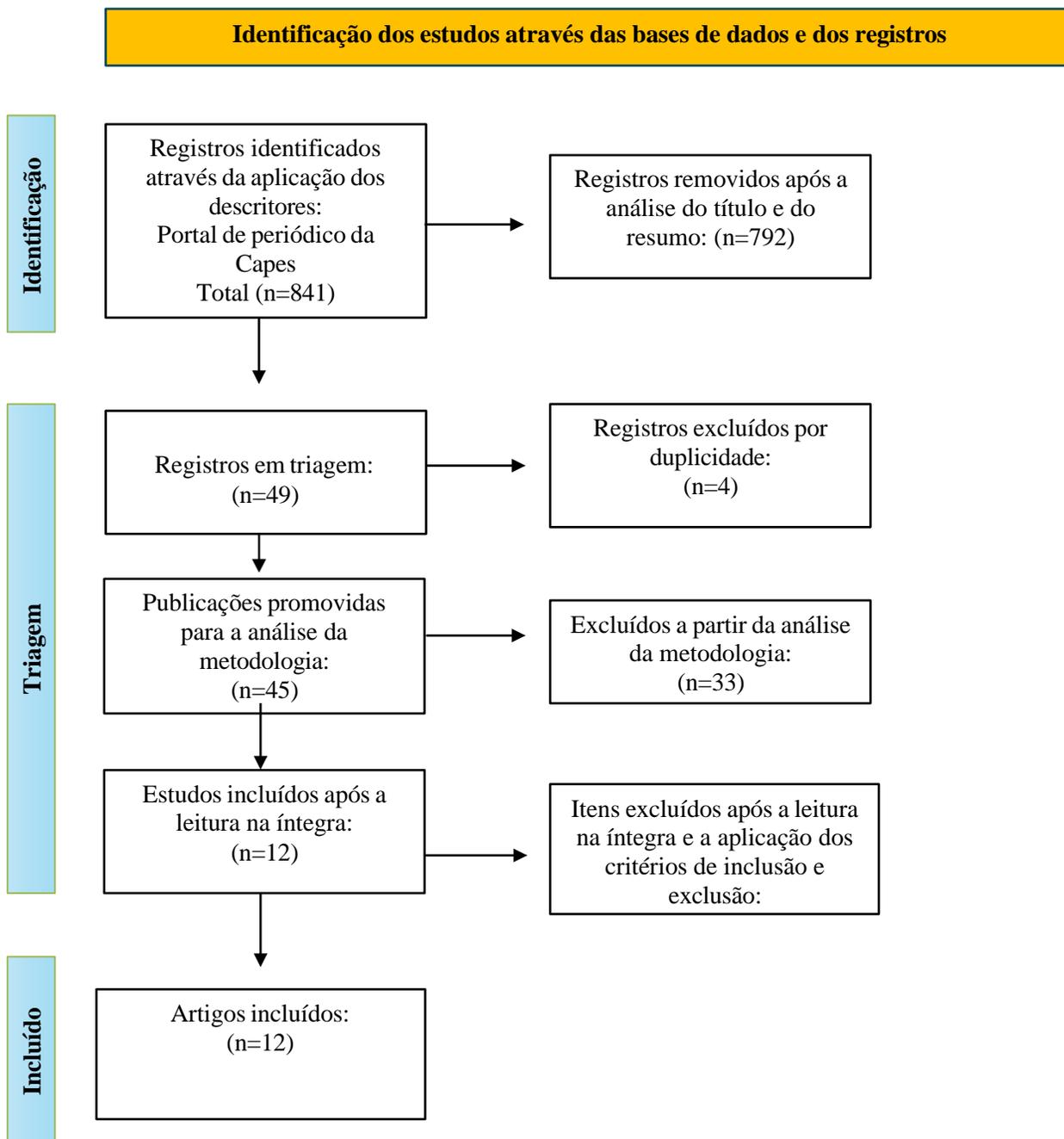
Fonte: elaboração própria. (2024).

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos originais; artigos que tivessem como objeto de estudo lutas, artes marciais e esportes de combate e que utilizassem a etnografia como recurso metodológico; etnografias com no mínimo um ano de imersão no campo; e artigos em língua portuguesa, inglesa ou espanhola. Foram excluídos trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações.

No primeiro processo de coleta, dois autores, de forma independente, selecionaram os textos, conceituando-os como “inclusão”, “exclusão” e “incerteza”. Caso algum texto fosse conceituado como “incerteza”, fato que não ocorreu, o terceiro autor realizaria o desempate. Essa diretriz atende ao que conjecturam Sampaio e Mancini (2007), objetivando evitar possíveis vieses na seleção dos textos, garantindo a equanimidade do processo de coleta dos dados.

Após a utilização dos descritores na base de dados, foram encontrados 841 artigos. O processo de triagem desses textos considerou a seguinte dinâmica: foi realizada a leitura do título e do resumo dos textos, que deveriam apresentar discussões sobre lutas, artes marciais e esportes de combate à luz do método etnográfico. Nesse momento, 792 artigos foram excluídos por não cumprirem esse critério, passando, para a próxima triagem, 49 artigos. O segundo processo considerou a duplicidade dos textos, em que quatro artigos foram excluídos, restando 45 artigos. O terceiro processo considerou a análise da seção de metodologia dos 45 artigos, que deveria apresentar no mínimo um ano de imersão em campo. Essa diretriz atende às percepções do campo antropológico, que considera: “o trabalho de campo bem-sucedido é raramente possível em um período muito menor que um ano” (Keesing e Strathern, 2014, p. 26). Dessa forma, a partir da análise da seção de metodologia dos trabalhos encontrados, foi verificado que 33 artigos não atendiam a esse critério, sendo excluídos. À vista disso, 12 artigos foram destinados para a leitura na íntegra, o que constituiu a última etapa de seleção, quando não se excluiu mais nenhum trabalho. Dessa forma, 12 artigos compuseram o *corpus* analítico deste estudo. A Figura 1 apresenta o processo de triagem dos artigos.

Figura 1.
 Processo de triagem dos artigos



Fonte: adaptado de Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (2024).

Os 12 artigos incluídos neste estudo foram inseridos em uma planilha, que considerou variáveis como título do artigo; objetivo; metodologia; resultados e considerações finais. A

análise dos dados foi realizada a partir da análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), considerando: 1) familiarização dos dados; 2) geração de códigos iniciais; 3) busca por temas; 4) revisão dos temas; 5) definição e denominação dos temas e 6) produção do relatório final. Os dados foram agrupados a partir de temas específicos.

Resultados e discussão

Desenvolvimento de relações sociais nas artes marciais

Esta categoria é composta por quatro artigos (Wulfhors et al., 2014; Spencer, 2014b; Domaneschi, 2018; Rabii, 2021). Os artigos apresentados apontam diferentes perspectivas que impactam na construção de relações sociais dos praticantes de artes marciais.

Ao explorar as relações sociais estabelecidas por estudantes australianos e mestres brasileiros de capoeira, Wulfhors et al. (2014) destacam que a íntima apropriação da vivência intercultural produzida pela prática de capoeira faz com que os participantes possam questionar suas identidades e percepções. Esse processo pode acarretar mudanças no comportamento e nas ações cotidianas dos participantes, a partir das quais eles podem incorporar novas percepções socioculturais.

Ao explorar o desenvolvimento das relações entre os praticantes de kung fu e a utilização de armas durante o treinamento marcial, Domaneschi (2018) aponta que a vivência dos participantes, em determinados contextos sociais, pode desencadear a formação de um *habitus* no qual os praticantes incorporam percepções que ampliam sua intimidade com as ferramentas utilizadas nas artes marciais.

Wulfhors et al. (2014) dão ênfase ao aspecto cultural da capoeira, destacando a construção das relações sociais é permeável e que, a partir da íntima vivência multicultural entre os praticantes e as artes marciais, as formas de pensar e agir podem ser ressignificadas com base na confrontação e na reflexão sobre os processos culturais emanados dessas práticas. Já Domaneschi (2018) salienta que a formação do *habitus* dos participantes está ligada aos aspectos cognitivos, conativos e emotivos; em que as relações sociais entre os praticantes de kung fu e sua socialização com as armas é atravessada pelas disposições tradicionais que consolidam as bases do kung fu, fomentando pontos de coesão dos indivíduos. A partir desses processos, os participantes podem trafegar no espaço social em que estão inseridos.

Ao buscar compreender os sentidos representados a partir das artes marciais, Spencer (2014a) evidencia que, com base nas experiências sensoriais a que os lutadores são submetidos, constroem competências que os permitem se envolver de maneira ampla e compreender as dinâmicas que implicam as lutas, construindo sua socialização a partir de codificações singulares durante a interação entre seus pares.

Os achados de Spencer (2014a) estão interligados aos de Wulfhors et al. (2014). Ambos apresentam que o contato entre os processos subjetivos e culturais dos participantes com as dinâmicas das artes marciais pode desencadear o desenvolvimento de relações sociais e a apropriação de novas percepções socioculturais, gerando códigos particulares que provêm de sentimentos de pertencimento como símbolo de coesão entre os grupos sociais, consolidando comportamentos específicos.

Rabii (2021) aponta que praticantes de boxe possuem estreitas relações entre o sentimento de amor e a prática do boxe, superando a percepção da violência e agressividade propagada pelos veículos midiáticos. Esses participantes ridicularizavam a dureza excessiva e o machismo presentes nos treinos de boxe, entendendo que esses aspectos poderiam prejudicar o desenvolvimento dos atletas. Podemos perceber que os resultados encontrados estão ancorados em uma perspectiva de relação intrapessoal entre o praticante e o boxe.

Esse tipo de relação também é destacado por Domaneschi (2018), na medida em que o autor aponta que as armas do treinamento marcial possuem papel ativo na transformação do *habitus* dos participantes, incorporando percepções subjetivas relacionadas à utilização desses objetos.

Podemos perceber que os autores apresentam percepções distintas sobre o desenvolvimento das relações sociais na prática das artes marciais. Spencer (2014a) e Wulfhors et al. (2014) apontam para a importância da interação entre os pares na construção das relações sociais, dando ênfase às questões interpessoais. Desse modo, considera-se que é a partir do contato corporal com os aspectos culturais dos lutadores que se desencadeiam experiências sensoriais que proliferam diversas significações, formando laços sociais.

Todavia, apesar de Rabii (2021) apresentar que os participantes de seu estudo exibissem sentimentos positivos com relação à prática do boxe e criticassem o machismo e a violência, o autor aponta que havia desigualdades entre homens e mulheres na academia investigada, evidenciando-se um sistema hierárquico de poder. Os homens não treinavam adequadamente com as mulheres e os treinadores repreendiam as mulheres de maneira ríspida. Ampliando a discussão, pairavam nesse contexto questões da ordem social apresentada por Bourdieu (2022), quando afirma que esta “funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina” (p. 24), engendrada por determinismos biológicos, históricos e sexuais.

Desse modo, podemos destacar que as relações intra e interpessoais não podem ser compreendidas de maneira fragmentada, mas sim em sentido de interdependência, desencadeando o desenvolvimento das relações sociais de maneira ampla.

Os estudos encontrados evidenciam que os participantes possuem formas distintas de desenvolver suas relações sociais. Esse aspecto pode ser percebido pelos distintos estilos de

artes marciais que fundamentam essa categoria (capoeira, MMA, kung fu e boxe), na medida em que cada estilo possui uma singularidade que pode variar de acordo com o contexto cultural ao qual foi desenvolvida. Também é possível perceber que os espaços de prática das artes marciais podem ser locais de conflito e tensão ideológica. Dessa forma, os processos que envolvem a prática da arte marcial devem ser compreendidos de maneira ampla, levando em consideração as questões de gênero, aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais que atravessam essas práticas.

Autopercepção corporal dos praticantes de artes marciais

Esta categoria é composta por quatro artigos (Green, 2011; Spencer, 2014a; Spencer 2014b; Mariante Neto et al., 2021). Os artigos apresentados apontam aspectos relacionados à autopercepção corporal dos praticantes quanto à participação nas lutas, nas artes marciais e nos esportes de combate.

Green (2011) objetivou compreender os impactos do sentimento de dor na construção de um senso de pertencimento no contexto do MMA. Spencer (2014a) desenvolveu um estudo que examinou a relação entre lutadores de MMA, seus corpos e dietas, analisando os impactos dos hábitos alimentares para a produção de corpos masculinizados voltados aos combates. Spencer (2014b) realizou um estudo que objetivou superar a visão pública do MMA que é encontrada na mídia, oferecendo uma representação desse esporte ao nível dos sentidos.

Destacamos que os objetivos desses estudos estão direcionados à busca pela compreensão dos sentidos que os praticantes atribuem à prática do MMA e os significados que os processos emanados dela podem impactar em suas vidas. Um desses aspectos é o sentimento de dor que, embora seja relativizada pelos participantes, também pode afastar os adeptos dessa prática.

Green (2011) destaca que o sentimento de dor apresenta três pressupostos que podem atrair os participantes a vivenciarem os propósitos das lutas: 1) fornece confiança para compreender experiências “reais”; 2) conecta o praticante com o próprio “eu”, fazendo com que compreenda suas limitações; 3) constitui relações sociais entre os participantes. Spencer (2014a) evidencia que o MMA apresenta determinados pressupostos que constituem a ideia de um corpo-para-masculino, estereotipando a prática do MMA à produção corporal masculina. Assim, suportar a dor é um dos pressupostos para a construção de um praticante de MMA, forjando uma identidade pautada na masculinidade hegemônica

4.

⁴ Uma tipificação de masculinidade pautada na agressividade e virilidade, subordinando mulheres e outras formas de representação masculinas.

Nesse contexto, os praticantes entendem a dor como um processo intrínseco à prática das artes marciais, em que eles devem suportá-la e aplicá-la a partir dos treinamentos e competições dos quais participam. Spencer (2014b) apresenta a ideia de que apenas homens “estoicos” de verdade se envolvem no MMA, ou seja, essa prática não é para “qualquer pessoa”, é preciso possuir determinados atributos físicos pautados na violência e na agressividade para se inserir nessa prática. E a dor, segundo Green (2011), conduz o praticante a descobrir suas limitações e potencialidades, aproximando-o da construção de sentimentos “reais”, em que o praticante de MMA aproxima-se da realidade no qual está inserido.

Apesar de a dor se configurar como um aspecto inerente à prática do MMA e suportá-la seja um critério para a aceitação dos participantes nesta prática corporal, Spencer (2014a) assevera que demais aspectos complementam a autopercepção corporal dos praticantes quanto à inclusão e à vivência no MMA. Como exemplo, os lutadores recebem imposições sociais que direcionam suas formas de alimentação, além de serem alvos de discursos normativos e dos conhecimentos científicos relacionados à prática corporal que estão inseridos. Essa dominação social está conectada à ideia de produção corporal masculina, objetivando, a partir de pressupostos estereotipados e misóginos, desenvolver um corpo forte, rápido e eficaz, como resultado dos processos da racionalização esportiva.

Spencer (2014b) destaca que as experiências sensoriais oriundas dos treinamentos e dos combates constroem uma competência técnica que permite aos participantes se envolverem e compreenderem o MMA, criando, em determinadas circunstâncias, percepções machistas e misóginas sobre a prática do MMA.

Nesse sentido, os elementos que atravessam a prática do MMA, como aspectos políticos, econômicos e sociais, desencadeiam percepções específicas sobre a participação dos adeptos dessa prática. Mariante Neto et al. (2021) destacam que estamos vivendo uma segunda esportivização, pois, além do processo de racionalização e secularização imputados pelo esporte moderno, existe o pressuposto do espetáculo direcionado pela midiaticização exacerbada em que tanto compete quanto atribui aos praticantes a função de proporcionar um “grande espetáculo”, “dar um show”. Nesse sentido, a ação dos atletas durante o combate deve ser suficiente para entreter os adeptos

Os quatro estudos evidenciam que os adeptos das práticas de luta possuem uma visão estereotipada da prática. Assim, são atribuídas ações padronizadas para a realização das lutas. É como se o participante tivesse que possuir um perfil específico para consumir as lutas. Suportar e aplicar a dor, se submeter a alimentações específicas e a demais restrições se configuram como ações para a inclusão e aceitação das pessoas nesse universo.

A ideia de padronização das ações dos praticantes pode desencadear o distanciamento de pessoas que não possuem o “perfil” compreendido. Nesse sentido, a submissão dos

praticantes a determinados códigos estabelecidos pela construção cultural de uma masculinidade hegemônica e a construção da valorização exacerbada do rendimento esportivo evidenciado pelos veículos midiáticos podem contribuir para o desenvolvimento de ações sexistas e misóginas, valorizando, de maneira equivocada, as diferenças biológicas e utilizando-as como justificativa para inclusão de uns e exclusão de outros.

Motivações para a prática das artes marciais

Esta categoria é constituída por três artigos (Jennings et al., 2010; Green, 2016; Sugden 2021a). Os autores apresentam diferentes aspectos que influenciam os participantes a se inserirem e manterem-se nas artes marciais.

Em estudo proposto por Jennings et al. (2010), os autores buscaram explorar a construção das artes marciais a partir de uma perspectiva religiosa. Green (2016) centrou esforços em compreender as motivações e percepções que fazem o ser humano se envolver com o MMA. Sugden (2021a) objetivou compreender as motivações dos praticantes de MMA e o papel que o treinamento físico desempenha em suas vidas.

Jennings et al. (2010) destacam que a prática do kung fu está permeada por um processo de sacralização que envolve os participantes, alinhando-os com os aspectos culturais que envolvem essa prática. Desse modo, a construção cultural do kung fu internaliza códigos e significações sacralizadas no cotidiano dos praticantes, desenvolvendo um determinado *habitus*, em que os participantes incorporam a estrutura cultural do kung fu ao longo de seu contato com as simbologias dessa arte marcial.

Green (2016) também apresenta a importância dos ensinamentos espirituais enquanto elementos motivacionais para a inserção dos praticantes no MMA. Todavia, esse autor aponta demais motivações, como busca pela saúde, formação da identidade masculina, busca pelo sucesso e defesa pessoal.

Salientamos que Green (2016) realizou seu estudo por cinco anos em uma academia de MMA nos Estados Unidos. Os resultados encontrados por esse autor apresentam narrativas contraditórias, pois, em um mesmo tempo/espaço, emergem significações e motivações diferentes para a inserção dos praticantes no MMA. Por exemplo: quando o autor apresenta a ideia de formação da “identidade masculina”, apresenta uma visão estereotipada do MMA, entendendo-a como uma prática masculinizada. Por sua vez, a ideia de ensinamento espiritual coaduna com a percepção de sacralização do MMA. Ou seja, pessoas que interagem durante os treinos e dividem o mesmo espaço/tempo apresentam motivações muito distintas no que concerne sua permanência no MMA.

O fato de o MMA ser uma prática esportivizada e sofrer influências midiáticas contradiz a ideia de sacralização dessa prática corporal. Podemos destacar que o MMA está

intrinsecamente conectado aos processos de racionalização esportiva, distanciando-se dos processos de sacralização. Destarte, podemos questionar: como os participantes que interagem socialmente em um mesmo tempo/espaço apresentam percepções totalmente diferentes no que concerne sua inserção no MMA?

Embora esse questionamento possa emergir, evidenciamos que os processos culturais nos quais os adeptos estão vinculados em sua vida cotidiana, podem produzir contranarrativas que tensionam o universo estereotipado do MMA, suscitando novas percepções e comportamentos que não são homogêneos, contribuindo para o desenvolvimento de novas percepções sobre o MMA.

O estudo de Jennings et al. (2010) apresenta maior heterogeneidade dos praticantes de kung fu. Devido à cultura oriental estar interligada a aspectos religiosos e o kung fu não possuir uma massificação midiática tão forte quanto o MMA, os participantes deste estudo podem apresentar uma visão sacralizadora dessa modalidade.

Em estudo proposto por Sugden (2021a), destaca-se que homens de diversas idades e percepções se apropriam do MMA e do jiu-jitsu brasileiro a fim de melhorar sua saúde mental. A autora destaca que, a partir da adesão a uma academia de MMA e da dedicação ao jiu-jitsu brasileiro, os participantes incorporam uma visão que envolve a busca pela saúde. Green (2016) também aponta em seus resultados que os praticantes de MMA destacaram a busca pela saúde como aspecto que motiva sua inserção e permanência nessa prática corporal.

Esse aspecto ajuda a explicar não apenas a dedicação dos praticantes de jiu-jitsu brasileiro e o crescimento do MMA, mas também postula uma nova perspectiva sobre a importância das atividades físicas para o desenvolvimento da saúde mental masculina. Destacamos que os autores apresentam distintos aspectos que motivam os participantes a se inserirem e permanecerem na prática das artes marciais. Compreendemos que a cultura é um processo plural que apresenta distintas maneiras de pensar e agir. Nesse sentido, as diferenças culturais podem se configurar como aspecto que nos permite compreender as contradições encontradas por Green (2016), em que o autor aponta que motivações dos participantes estão relacionadas à sacralização e à racionalização do MMA de maneira concomitante em mesmo tempo/espaço.

Influência dos aspectos ideológicos na prática das artes marciais

Esta categoria é composta de dois artigos (Pedrini, 2018; Sugden, 2021b). Ambos os estudos abordam questões que estão relacionadas à influência dos aspectos ideológicos sobre os praticantes de MMA.

Pedrini (2018) buscou ampliar a compreensão sobre a conexão entre culturas físicas e

política e compreender a renovação das culturas políticas pela superação das perspectivas desencarnadas sobre aspectos ideológicos. Sugden (2021b) buscou compreender a aplicação da imaginação sociológica através do corpo a partir da noção foucaultiana de biopoder.

Pedrini (2018) investigou a prática do boxe *popolare* (boxe do povo) em uma academia da Itália. O autor destaca que essa prática de boxe possui características distintas do boxe tradicional, pois o boxe *popolare* é influenciado pelos aspectos mitológicos de alteridade da extrema-esquerda, manipulando os corpos para impor um conjunto de percepções e sensibilidades inerentes ao *ethos* da extrema-esquerda.

Sugden (2021b), por sua vez, realizou seu estudo em uma academia de MMA no Reino Unido. A autora destaca que as práticas de artes marciais mistas podem ser vistas como atos de resistência contra as normas e expectativas neoliberais que permeiam a vida cotidiana de diversos participantes fora do ambiente da academia.

Podemos perceber que os estudos apresentados expõem divergências no que concerne à influência dos aspectos ideológicos sobre os praticantes de artes marciais. Pedrini (2018) evidencia que o Boxe *popolare* não possui neutralidade. Seus participantes incorporam valores e atitudes inerentes a determinadas percepções políticas. Sugden (2021b) destaca que os membros da academia investigada possuem certa autenticidade, preservando perspectivas de conexão com o eu, a partir da luta por uma comunidade autêntica.

Todavia, Sugden (2021b) também reconhece que o processo de industrialização pode agir de maneira coercitiva sobre os participantes, pressionando-os a desconectarem-se de seu corpo natural, adotando uma postura mercantilizada. Desse modo, podemos questionar se as demais academias possuem essa “neutralidade”, no que diz respeito à influência dos aspectos políticos sobre os praticantes.

Os resultados apresentados por Pedrini (2018) e Sugden (2021b) geram um ponto de tensão, pois os aspectos econômicos, sociais e políticos estão presentes em diversos contextos sociais, influenciando as pessoas a desenvolverem ações que coadunam com as perspectivas dos grupos dominantes. O processo de esportivização e mercantilização das artes marciais é um exemplo desse processo.

Podemos destacar que o contexto político e social do país em que a academia está situada pode influenciar sua relação com os caminhos políticos que os participantes irão trilhar. Dessa forma, surgem novos pontos de debate que podem ser alvo de futuras investigações científicas, buscando compreender até que ponto os aspectos políticos podem influenciar o desenvolvimento da academia, enquanto instituição, e dos participantes, enquanto corpo desse espaço.

Conclusões

Objetivou-se analisar as produções acadêmicas sobre lutas, artes marciais e esportes de combate desenvolvidas à luz do método etnográfico. Destacamos que, dos 12 artigos encontrados, seis tratam especificamente da prática do MMA. Esse aspecto pode estar associado ao fato de o MMA ser, sobremaneira, midiático, potencializando o alastro e a permeabilidade de seu consumo e de sua inserção em diversos espaços culturais. Essa inserção também atingiu a comunidade científica, como evidenciado.

A prática das lutas, das artes marciais e dos esportes de combate estão permeadas pelo processo de esportivização, recebendo influências políticas, sociais, culturais e econômicas do meio social ao qual estão inseridas. Ao consumir essas atividades e entrar em contato com os processos que as envolvem, os praticantes estabelecem suas relações sociais e criam autopercepções sobre o mundo a partir de seu envolvimento com essas práticas, além de criarem motivações próprias para se inserir e se manterem nessas práticas.

A prática das artes marciais não é neutra. Ela influencia os praticantes a assumirem percepções outrora cristalizadas a partir dos aspectos tradicionais que foram consolidados ao longo do tempo, como a ideia de que existe um padrão físico e comportamental que deve ser seguido pelos praticantes. Nessa cena, a aceitação da dor e a tipificação de comportamentos agressivos podem ser compreendidos como esse padrão a ser seguido, gerando exclusão de pessoas que não possuem esse “perfil”. Essa dinâmica conduz os praticantes a aceitarem discursos normativos centrados nos processos de racionalização esportiva. Todavia, os estudos apontaram que ainda existe, em menor escala, uma incidência de sacralização das artes marciais orientais.

Também, destacamos e apresentamos relevância ao estudo etnográfico, que tem se configurado como uma importante ferramenta para a compreensão dos processos que envolvem a inserção, permanência e desenvolvimento de percepções dos praticantes de artes marciais a partir da observação participante e suas técnicas, fazendo com que o pesquisador perceba, “de perto e de dentro”, os processos que envolvem a constituição das lutas, artes marciais e esportes de combate na sociedade e seus impactos no constructo sociocultural de cada adepto. A etnografia tem se apresentado como um recurso imprescindível nas aproximações, diálogos e produções a partir da interlocução entre as áreas da antropologia, educação, educação física, sociologia e áreas afins das ciências humanas.

Por fim, nos limites que todo estudo encerra, este também apresenta certas barreiras, como exemplo a utilização de apenas uma base para a coleta de dados. Desse modo, faz-se necessário o desenvolvimento de novas investigações que utilizem outras bases de dados, dando maior amplitude ao campo de coleta. Outrossim, tendo em vista os resultados encontrados, incentivamos o desenvolvimento de estudos que abarquem especificidades, tais

como as distintas concepções de gênero, de corpo, corporeidades e de aspectos étnico-raciais e identitários sobre a prática das lutas, das artes marciais e dos esportes de combate.

Referências

- Angrosino, M. V. (2009). *Etnografia e observação participante*. Artmed.
- Antunes, M. M. e Iwanaga, C. C. (2014). *Aspectos multidisciplinares das artes marciais*. Paco Editorial.
- Bourdieu, P. (2022). *A dominação masculina*. (20ª ed., M. H. Kühner, trad.). Bertrand Brasil.
- Braun, V. e Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brasil, S. E. F. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais* (v. 1). Ministério da Educação. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>
- Brasil, C. F. (1996). Lei n.º 9.394/96. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília. https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_led.pdf
- Domaneschi, L. (2018). Conditioning weapons: Ethnography of the practice of martial arts training. *Societies*, 8(3), 80. <https://doi.org/10.3390/soc8030080>
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das Culturas*. LTC.
- Green, K. (2016). Tales from the mat: Narrating men and meaning making in the mixed martial arts gym. *Journal of Contemporary Ethnography*, 45(4), 419-450. <https://doi.org/10.1177/0891241615573786>
- Green, K. (2011). It hurts so it is real: Sensing the seduction of mixed martial arts. *Social & Cultural Geography*, 12(4), 377-396. <https://doi.org/10.1080/14649365.2011.574796>
- Jennings, G., Brown, D. e Sparkes, A. C. (2010). “It can be a religion if you want”: Wing Chun Kung Fu as a secular religion. *Ethnography*, 11(4), 533-557. <https://doi.org/10.1177/1466138110372588>
- Keesing, R. M. e Strathern, A. J. (2014). *Antropologia cultural: uma perspectiva contemporânea*. Vozes.
- Lima, G. A. e Maia, F. E. D. S. (2021). Os impactos da arte marcial no comportamento dos seus praticantes. *Revista Interfaces: Saúde, humanas e tecnologia*, 9(2), 1098-1104. <http://dx.doi.org/10.16891/2317-434X.v9.e2.a2021.pp1098-1104a>
- Mariante Neto, F. P., Vasques, D. G. e Stigger, M. P. (2021). “Se perder e lutar muito, lutará de novo!” — MMA e o conceito de esporte. *Movimento*, 27, e27030. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.108259>
- Paiva, L. (2015). *Olhar clínico nas lutas, artes marciais e modalidades de combate: preparação física-história-antropologia-psicologia-nutrição-sociologia-medicina esportiva*. OMP Editora.
- Pedrini, L. (2018). “Boxing is our business”: The embodiment of a leftist identity in boxe popolare. *Societies*, 8(3), 85. <https://doi.org/10.3390/soc8030085>
- Rabii, W. (2021). “No tough guys here?”: Hybrid masculinity in a boxing gym. *Journal of Contemporary Ethnography*, 50(2), 231-260. <https://doi.org/10.1177/0891241620985585>
- Rufino, L. G. B. (2012). *A pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades*. Paco Editorial.
- Sampaio, R. F. e Mancini, M. C. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 11, 83-89. <https://doi.org/10.1590/S1413-3552007000100013>
- Souza, M. T. D., Silva, M. D. D. e Carvalho, R. D. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8, 102-106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>
- Spencer, D. C. (2014a). Sensing violence: An ethnography of mixed martial arts. *Ethnography*, 15(2), 232-254. <https://doi.org/10.1177/1466138112471108>
- Spencer, D. C. (2014b). “Eating clean” for a violent body: Mixed martial arts, diet and masculinities. *Women’s Studies International Forum*, 44, 247-254. Pergamon. <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2013.05.018>

- Sugden, J. T. (2021a). Jiu-jitsu and society: Male mental health on the mats. *Sociology of Sport Journal*, 38(3), 218-230. <https://doi.org/10.1123/ssj.2020-0051>
- Sugden, J. T. (2021b). Fight the biopower! Mixed martial arts as resistance. *International Review for the Sociology of Sport*, 57(6), 879-898. <https://doi.org/10.1177/10126902211039772>
- Wacquant, L. (2015). For a sociology of flesh and blood. *Qualitative sociology*, 38, 1-11. <https://link.springer.com/article/10.1007/s11133-014-9291-y>
- Wulfhorst, C., Rocha, C. e Morgan, G. (2014). Intimate multiculturalism: Transnationalism and belonging amongst Capoeiristas in Australia. *Journal of ethnic and migration studies*, 40(11), 1798-1816. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2014.894875>